

Outro lado dos leilões de gado de leite

Sebastião Teixeira Gomes¹

Todas as vezes que há grandes leilões de gado de leite (especialmente aqueles para liquidação de plantel), sempre aparecem os agoureiros pregando uma crise que nunca chega. Ela não chega porque o gado não se destina a abatedouros e sim a outros produtores, que conseguem retornos econômicos atraentes por meio da produção de leite. Por esta razão, apesar dos contínuos e crescentes leilões, a produção de leite do país continua aumentando, significativamente. No ano de 2000, a produção cresceu 6,5%, quando comparada a de 1999; no primeiro trimestre de 2001, cresceu 8%, em relação ao primeiro trimestre de 2000; e, nos meses de abril, maio e junho de 2001, voltou a crescer, em média, 5% ao mês.

A produção continua crescendo, apesar de o preço recebido pelo produtor de leite ter caído, significativamente, nos últimos anos. A explicação para esta aparente contradição está na redução do custo de produção, que compensa a queda de preço e restabelece a margem bruta anual.

Na interpretação do fluxo de leilões de gado de leite, um aspecto relevante diz respeito a mudanças no sistema de produção. O gado leiloado destina-se, principalmente, a produtores de Goiás e do Nordeste, onde predomina o sistema de produção a pasto, com suplementação, na seca, com cana mais uréia e silagem. Nessas regiões, distribuem-se concentrados, para vacas em lactação, durante o ano todo, porém em quantidades menores na época das águas. Esse sistema da produção, com custos flexíveis (menor custo/litro nas águas), adapta-se, perfeitamente, ao comportamento do preço recebido pelo produtor de leite, que também é menor nas águas e maior na seca.

Nos últimos anos, a diferença entre o preço médio das águas e da seca variou de 25 a 30%. Nesse cenário de preço, os sistemas de produção engessados têm grandes dificuldades de sobreviver. A flexibilidade do sistema é uma imposição do mercado, já que não se pode virar as costas para o mercado, sob pena de sucumbir.

Outro esclarecimento também importante diz respeito à crença de que o sistema a pasto significa baixa tecnologia, o que não é verdade. Existem, hoje, muitos produtores com média de 3500 a 4500 litros por lactação, no sistema a pasto com suplementação na seca e com baixo custo de produção. Além disso, tais produtores já conseguiram reduzir, significativamente, a sazonalidade de produção. Este é o perfil do produtor que está puxando a produção de leite do país. Evidentemente que, para conseguir esses resultados, o pasto é manejado corretamente, garantindo forragens de boa qualidade.

Finalmente, o fluxo de gado de boa genética das regiões tradicionais, que não estão conseguindo flexibilizar o sistema de produção, para regiões cujos produtores conseguem se adaptar ao comportamento do preço do leite contribui para agravar a situação das regiões tradicionais. Isto explica o motivo pelo qual São Paulo era o segundo maior produtor de leite em 1990 e, atualmente, é o quarto, perdendo para Minas, Goiás e Rio Grande do Sul.

¹ Prof. Titular da Universidade Federal de Viçosa.
Escrito em 20-07-2001